

Waldir Bevidas

Psicanálise do sentido. Semiótica do inconsciente*

Inconsciente e sentido são conceitos basilares, em psicanálise e em semiótica, respectivamente, mas tiveram trajetórias de "desventura" similares. Entraram em tal tensão que pode levar ao risco de uma "hipertensão" maligna à saúde teórica e prática de ambas. O inconsciente foi considerado *sem pertinência* para as pesquisas semióticas e o conceito de sentido, de suma importância em Freud, tornou-se desdenhado no ensino lacaniano e hoje sofre completo descarte, em proposições que induzem a psicanálise e transmissão para uma exclusão do sentido, um regime chamado *fora-sentido*. O autor discorda dessa orientação (milleriana) e trabalha por um novo tipo de *tensionamento* entre os dois conceitos, em que a hipertensão de exclusão recíproca ceda o lugar para uma distensão mútua, uma convivência heurística deles, em ambas as disciplinas.

> Palavras-chave: Psicanálise, semiótica, inconsciente, sentido

Unconscious and meaning are fundamental concepts, in psychoanalysis and semiotics, respectively, but they had similar unfortunate paths. They came in such tension that it may lead to the risk of a high tension harmful to both the health of theory and practice. The unconscious was considered without pertinence to the semiotics' researches and the concept of meaning, with great importance in Freud's works, had become disdained in the lacanian teaching and today suffer a complete dismissal, in propositions that induce the psychoanalysis and its transmission to an exclusion of the meaning, a regime called "out-meaning". The author disagrees of this orientation (represented by J.-A. Miller) and works for a new kind of tensioning between the concepts, in which the reciprocal high exclusion tension give her place to a mutual distension, an heuristic relation between them, in both disciplines.

> *Key words: Psychoanalysis, semiotics, unconscious, meaning*

* > Este trabalho recebe apoio de bolsa-produtividade pelo CNPq. Faz parte de pesquisa em GT da ANPEPP. Apresentado em versão preliminar no X Simpósio de Pesquisa e Intercâmbio Científico da ANPEPP, em maio de 2004 (Aracruz, ES).

On ne peut plus longtemps jouer à cache-cache avec la signification.

R. Jakobson

Este artigo tem a finalidade de dar notícias breves, como impõem os limites do espaço aqui dado, e de defender posições, como impõe a convicção, sobre pesquisa em andamento, intitulada "Psicanálise do sentido. Estudo interdisciplinar: psicanálise e semiótica". Com esse trabalho, cujo título é provisório e secundário perante as intenções, quero se não inaugurar, pelo menos fomentar, no cenário de pesquisa das duas disciplinas convocadas, um novo tipo de *tensionamento* entre dois conceitos pelos quais cada uma praticamente se define como teorias, reconhecidas que são dentre as chamadas ciências humanas, e como práticas, consolidadas que foram as inúmeras análises clínicas, de um lado, e descrições de objetos semióticos, de outro. Eis os conceitos em tensão: o inconsciente e o sentido. Um novo tensionamento entre eles e, por decorrência, entre as disciplinas, se impõe diante do entendimento de que o inconsciente, a bem dizer, certidão de nascimento da psicanálise, e o sentido, praticamente cédula de identidade da semiótica, tiveram nas duas teorias, uma perante a outra, trajetos de "desventura" similares. Em semiótica, a desventura do inconsciente foi ter sido considerado *sem pertinência* nos seus modelos iniciais de descrição da construção do sentido nas linguagens (cf. Greimas, 1966, p. 190). Em psicanálise, a desventura do sentido, o revirou às avessas: da suma importância, quase imperativa, que teve na sua fundação, em Freud, decaiu para uma pau-

latina minimização, quase desinteresse, na re-fundação estruturalista, em Lacan. E, desde a morte deste, ganha crescente desdém, quase descarte, nas leituras que vêm sendo feitas por alguns segmentos da comunidade pós-lacaniana.

Acrescidas a essas — e desta feita por contingências históricas de nascimento e de constituição das duas disciplinas aqui convocadas, cujo mútuo desconhecimento foi e persiste como peça-chave —, outras razões fizeram com que inconsciente e sentido entrassem em tal tensão que, em minhas convicções atuais, pode levar ao risco de uma, por assim dizer, "hipertensão" maligna à saúde teórica e prática de ambas. Nesse sentido, se puder desenhar em algumas pinceladas toda a motivação da pesquisa que ora noticio, na tela de fundo de minha própria aventura intelectual nos dois campos, diria que ela visa, no geral, *reverter* as duas desventuras, criar um espaço teórico onde a hipertensão de exclusão recíproca ceda o lugar para uma distensão mútua, uma convivência heurística dos dois conceitos maiores (inconsciente & sentido) em ambas as disciplinas.

E isto por um dado até certo ponto simples: tamanha é a *evidência clínica* que a psicanálise escuta nos movimentos psíquicos do discurso do paciente, à quase completa revelia de sua fala consciente, que ver o inconsciente ser considerado não pertinente por uma teoria do discurso, como a semiótica, só pode levar a psicanálise a protestar diante do grave e incômodo desconhecimento do que poderíamos chamar, livremente, *as razões fundas do coração*. Em contrapartida, tamanha é a *evidência estru-*

tural do sentido na linguagem, nos discursos, para a semiótica (e lingüística) de proveniência saussuriana, que qualquer minimização, desdém ou descarte dele — seja em nome dos movimentos chamados inconscientes do discurso, em nome do sintoma, do fantasma ou do real do gozo, por parte de alguma orientação em psicanálise — só pode revelar o incômodo desconhecimento das razões fundas da própria razão (discursiva); noutros termos, desconhecimento do *coração fundo da razão* da linguagem.

Posto assim liminarmente o entendimento da coisa, nada mais natural do que rever e refletir sobre o trajeto dessas desventuras, do inconsciente e do sentido, em ambas as disciplinas e tentar revertê-las num novo tipo de "aventura" cognitiva de interface nelas. E como o presente artigo é destinado mais diretamente ao público psicanalítico, mantenho-me apenas na desventura do sentido no trajeto que foi de Lacan a Miller. Para subsidiar o eventual interesse do leitor, e situar a questão em seu contexto, permito-me retomar brevemente um pequeno histórico de como ela se pôs desde o início, para minhas próprias pesquisas, e que perfil ganha hoje, no cenário psicanalítico pós-lacaniano em que se insere. Concluída em fins de 1991 uma tese de doutoramento, primeira tentativa pessoal de maior extensão, a pleitear um diálogo entre psicanálise e semiótica, e publicada quase dez anos depois (Bevidas, 2000), uma das dificuldades desse diálogo se mostrou como sendo as proposições lacanianas para o conceito de *significante*. A insistência do psicanalista em estipular o significante como radicalmen-

te autônomo perante o significado, separado com uma espessa barra, em vez da relação de união no signo de Saussure; a tendência a considerá-lo vazio de significação, sem sentido, entre outras tantas formulações similares, parecia fadar o diálogo ao fracasso, de antemão. Com efeito, um veto ao sentido representava imediato veto a uma teoria da significação, a semiótica, perante a *coisa freudiana*.

Ocorre, porém, que quando o psicanalista punha em cena exemplos para exercitar as articulações opositivas do significante, referendado na fonologia de Jakobson — por exemplo, DIA VS NOITE, entre muitos outros — ele sub-repticiamente já deslizava sua análise para "dentro" do plano do significado. A oposição fonológica, estritamente "significante" e tecnicamente adequada a se fazer, seria: "DIA VS PIA VS TIA...", isto é, exercícios de comutação entre fonemas que põem entre parênteses o sentido dos termos usados para apenas e tão-somente provar a pertinência para a língua dos fonemas em foco (sublinhados).

Segundo minha interpretação, havia defeitos no exercício lacanianiano. Para a fonologia jakobsoniana, e de resto para toda a lingüística e semiótica de estirpe saussuriana, quem controla a pertinência do exemplo é exatamente o plano do conteúdo, do significado. Neste aspecto, tanto Saussure como Jakobson, Benveniste, Greimas e tantos outros são veementes em afirmar a "necessidade" do vínculo significante-significado, a despeito da "arbitrariedade" da escolha de língua a determinar em um a contrapartida do outro. Então o que determina que os conjuntos acima sejam *significantes* para nos-

sa língua é exatamente a implicação de (al-
gum, não importa qual) significado que car-
regam. Se quisesse, por exemplo, incluir na
série acima "zia, nia, sia" isso não caberia,
visto que tais conjuntos não significam nada
na língua. Quando portanto o estruturalista
Lacan opõe "DIA VS NOITE" (homem vs mulher;
guerra vs paz, entre um sem-número de
exemplos) ele não exercita o plano da ex-
pressão fonológica, oposições de puros sig-
nificantes, mas sim, em cheio, as oposições
significativas em lexemas, oposições do pla-
no do significado do signo. Com efeito, nada
há de comutação fonêmicas (significantes
stricto sensu) entre os dois termos DIA e NOI-
TE. E todos, absolutamente todos, os seus
exemplos seguem o mesmo padrão.

Pareceu-me razoável, portanto, supor a hi-
pótese de que o significante lacaniano fora
construído sob uma "preterição do significa-
do", no sentido técnico de figura de lingua-
gem "pela qual se finge não querer falar de
coisas sobre as quais se está, indiretamen-
te, falando; paralipse" (*Dicionário Houaiss*),
isto é, diz-se que não se trata de significa-
do quando se trata dele, implicitamente, o
tempo todo. Noutros termos, de tudo o que
me permitiu a leitura e pesquisa dos textos
de Lacan que tive a oportunidade de efe-
tuar, diria, e convocando aqui a advertência
jakobsoniana da epígrafe, que foi sempre
um jogo de "esconde-esconde" com a signi-
ficação que pairou em sua teoria do signifi-
cante, da metáfora, da metonímia e em
geral nos seus exemplos e em suas formula-
ções languageiras.

Trabalhado o tema em três capítulos da tese
pareceu-me que a defesa do significado não
era uma causa perdida, que a barra entre

significante e significado não precisaria ser
entendida como de exclusão inelutável. Pre-
feri reter para foro íntimo da pesquisa outra
formulação de Lacan – extraída do Seminá-
rio sobre os "Problemas cruciais para a psi-
canálise" (1964-5, p. 8-9) –, de que a barra
do "não-sentido" não devia ser entendida
como "sem significação", mas antes como "a
face recusada que o sentido oferece do lado
do *significado*" (grifos meus). Aí estava a
formulação das mais felizes desde Freud, a
qual jamais encontrei citada por nenhum
discípulo lacaniano, *et pour cause*, haja vis-
ta o modo como Lacan foi lido, na primazia
do significante e desdém ao significado, por
alguns de seus discípulos mais eminentes.

A partir dessa tese publicada e de meu in-
gresso num Programa de Pós-Graduação em
Teoria Psicanalítica (1993), na Universidade
Federal do Rio de Janeiro, venho tentando
repor a questão do sentido, do significado,
da significação, dos efeitos de sentido – to-
dos termos que careceram de uma reflexão
e definição conceitual mais detida e cuida-
dosa por Lacan – repô-los num lugar que me
parece mais justo e equilibrado frente a seu
rival, o significante. Venho propondo fazer
a psicanálise lacaniana dialogar com outras
teorias do signo, da narrativa, do discurso. As
dificuldades não podem ser aqui escondidas.
A coisa parece quase intransponível, visto
que, além de requerer algum domínio nessas
outras teorias convocadas ao diálogo, fica
parecendo que qualquer mudança na teoria
do significante de Lacan implica sua destrui-
ção e destruição da psicanálise toda. E o
campo psicanalítico pós-lacaniano vive e
convive numa relação transferencial tão
forte a Lacan que dificilmente aceita qual-

quer pequeno ajuste ou alteração na sua teoria, como se com isso tudo desmoronas-se e nada mais poderia ser declarado psicanálise lacaniana.¹

POSIÇÃO DO PROBLEMA

A questão do sentido nunca se havia posto como questão para Freud. O sentido se lhe apresentou, desde o início, como sua grande (e quase perplexa) descoberta, justo porque inerente a todo ato psíquico do indivíduo. Em seus relatos pioneiros de tratamento clínico, as histéricas não mentiam, não fingiam, nem eram degeneradas hereditariamente. Seus sintomas desconexos, longe de qualquer *nonsense*, apresentavam uma secreta história plena de sentido. As primeiras linhas da *A interpretação dos sonhos*, balizada em consenso como certidão de nascimento da sua psicanálise, indicam o sonho como objeto digno do interesse científico, e privilegiado ("via real...") justamente por se revelar *pleno de sentido*, em contraposição aos estudos fisiológicos de sua época. Interpretar, para ele, era o mesmo que indicar o sentido do sonho. Até mesmo se desculpava frente ao leitor pelos detalhes em que entrava porque, na sua busca nunca se pecaria por excesso em atribuir aos mesmos um sentido (furtivo, recalcado, denegado, sublimado...). E o sonho lhe parecia a grande cena do inconsciente, onde o mais árduo a investigar não era o *nonsense*, mas a emaranhada "acumulação de significações" que aí se escondem, condensadas, deslocadas, figuradas etc. (1900, p. 349, 406, 480).

E esse foi o Freud privilegiado de Lacan, nos anos 1950 e 1960, juntamente com o de "Os chistes e sua relação com o inconsciente" e de "Psicopatologia da vida cotidiana" para a promoção do chamado registro do Simbólico, registro do sentido, *lato sensu*, em contraposição ao registro biológico, enfim, promoção do registro da linguagem. O Lacan estruturalista desse registro é de uma envergadura teórica sem par e seus interlocutores, Lévi-Strauss, Jakobson, Benveniste e, claro, Saussure, igualmente. A linguagem como condição do inconsciente, tese famosa, o inconsciente como discurso do Outro, o sujeito como efeito do simbólico, do significante, a linguagem como "morte" da coisa etc., foram todas formulações que sacudiram a imaginação das ciências humanas, então muito humanistas e pouco ciências para o vigoroso estruturalista do inconsciente.

Ocorre que, na minha leitura, procurando radicalizar até o limite o forte conceito de estrutura, por conseguinte, do significante, a seu ver simples pleonasma de estrutura, Lacan forçou a operação teórica de autonomizá-lo perante o significado, esse "pólo confuso" do signo saussuriano, expressão acertada que empresto de Green (1984, p. 77). Parecia que significado e estrutura não podiam andar juntos. Significante era algo bem formalizável, teorizável na sua forma e estrutura de composição e de sintaxe; significado era o conteúdo insondável liberado à arbitrariedade, verborragias e idiosincrasias hermenêuticas de cada um, anti-estruturalista por inerência.

1> Em Bevidas (1999) trato mais extensamente, em dois textos, do que considero "excesso transferencial" na pesquisa em psicanálise pós-lacaniana.

Por sua vez, as contingências do contato entre Lacan e Jakobson não propiciaram-lhe conhecer um teórico rival deste, Louis Hjelmslev (1971), lingüista dinamarquês, cuja leitura de Saussure lhe permitiu desenvolver o conceito de *forma do conteúdo*, para o pólo do significado, frente à *forma da expressão* para o significante. Essa leitura, que a meu ver nunca foi bem compreendida, nem mesmo em algumas correntes da lingüística, abria um oceano de pesquisas ao estruturalismo. Havia legitimidade teórica para uma "estrutura do significado" de igual modo que já estava posta no cenário da estrutura do significante. Ironias da história, exatamente no mesmo ano em que Lacan escreve seu texto decisivo sobre o significante, "Instância da letra..." (1957), o lingüista de Copenhague pleiteava num congresso "Por uma semântica estrutural" (1971, p. 105-21). Lacan jamais mencionou esse texto nas pouquíssimas menções ao autor (contei três), durante os trinta anos de seu ensino. Solidariedade ao amigo russo, Jakobson? Difícil responder. O fato é que, no cruzeiro todo da aventura lacaniana, o plano estrutural de navegação do significado, de Copenhague, faltou no convés da embarcação estruturalista do significante lacaniano.

AS AVENTURAS DO SIGNIFICANTE E DESVENTURAS DO SIGNIFICADO EM LACAN

Sempre em minha leitura, na primazia e autonomia dada ao significante, Lacan foi obrigado a explodir seu raio de ação, submetê-lo à "dupla condição" (1966, p. 501): (a) no vetor descendente, a estrutura do significante é obrigada a responder por subpartições

e discreções até o nível mínimo do fonema (até aqui bem saussuriano e jakobsoniano); (b) no vetor ascendente ela ficou obrigada a dar conta da composição, por assim dizer, da língua toda: do léxico, da frase, do período até às dimensões amplas e finais do discurso (p. 501-2). Do ponto de vista saussuriano, esta última era um equívoco fatal, uma impropriedade incontornável, visto que a estrutura do fonema vai apenas até a formação do lexema. Na cadeia de composição lexical da frase e do discurso a organização é eminentemente semântica, portanto já pertence ao plano do significado, e não é mais pertinente a combinatória fonêmica, do plano do significante. Ora, não é Saussure que se habilita aqui a qualquer julgamento, e nada obrigaria Lacan a continuar saussuriano. É a própria exigência da estrutura global da língua que impede que a estrutura do significante substitua ou invada a região da estrutura do significado, onde se alocam os lexemas, os morfemas, a frase e o discurso. Lexema só é lexema numa língua, porque já significa algo na sua própria região — exemplo: "sapato". Caso contrário, com os "mesmos" fonemas não se faz a língua, exemplo: "pasato, satopa, patosa, pataso...". Ora, por que razão a língua seria segregacionista em não permitir essas outras composições, *senão simplesmente pelo fato de que elas não fazem liga, não fazem semiose, função de signo ou função semiótica com algum significado?* E nada muda se, na composição de uma frase — exemplo: "entrou areia no meu sapato" — signifique outra coisa, dificuldade, incômodo. É tão simplesmente por operações metafóricas também de pertinência exclusiva da estrutura dos significados, pela sua labilida-

de de transporte (META-FORA) entre eles. É possível que Lacan não tenha evitado uma confusão muito corriqueira entre *forma* e *conteúdo* nos primeiros anos estruturalistas: identificou forma, isto é, estrutura, com significante; identificou conteúdo com significado. A forma saussuriana do *Curso de lingüística geral* era mais sutil, cabeça de Jânus, face formal virada para a substância da expressão (significante) e face *igualmente formal* voltada para a substância do conteúdo (significado). E, como acima mencionado, foi apenas Hjelmslev que nos seus *Prolegômenos a uma teoria da linguagem* (1971) havia conseguido destilar a sutileza, conceituando a *forma da expressão*, para o significante, e a *forma do conteúdo*, para o significado saussuriano. De modo que, na tentativa de evitar o pólo confuso do significado, isto é, na intenção de preservar o que considerava a própria "alma" da estrutura, o significante, o grande psicanalista não evitou tornar confuso o pólo restante, o significado. Significante não ficou como unidade da língua, ou como plano, ficou como toda a linguagem, como pleonasma que, se só for isso, não tem maior interesse. Seu interesse para toda a linguagem é ser a contraface do significado. Isso não é um requisito da lingüística. É requisito da própria estrutura da linguagem, seja qual for (talvez coerção do próprio cérebro linguageiro).

O que mais interessa reter disso é que, assim disposto o tabuleiro lacaniano do significante e deixadas as peças do outro pólo malcuidadas, misturadas e errantes na mesa — Lacan mesmo usa termos como significado, significação, sentido, efeitos de sentido às vezes como sinônimos, às vezes em fran-

ca oposição, alguns enobrecidos, outros desenhados, no andamento dos seminários, mas sem uma *definição conceitual* de mesmo naipe tal como para o significante — sua teoria do significante fica sujeita à espoliação em qualquer direção. Numa *hipótese otimista*, resta o alento de um imenso espaço de investigação à espera de um ajuste teoricamente mais legítimo e pertinente desse pólo delicado e denso do significado, melhor dizendo, da arquitetura de suas formações, mormente no discurso que caracteriza o campo: a fala do paciente. Na *hipótese realista*, a que se verificou, o espólio restado parece ser o difícil consenso entre os psicanalistas pós-lacanianos sobre o significado, sentido, significação. Cada um acaba tendo sua teoria implícita do sentido, hermenêutica particular, suas idiossincrasias semânticas, exatamente o que Lacan quis evitar. Nesse sentido, Lacan abandonou seus discípulos, quanto à região do significado, na mesma nebulosa em que o encontrara à sua época.

Ocorre que ultimamente está sendo posta em cena uma terceira saída para essa nebulosa do sentido, na minha avaliação, uma *hipótese demissionária*, hipótese pessimista, para enfrentar a difícil questão do sentido. Nos últimos anos, já dentro do novo século, a questão do sentido parece voltar à cena psicanalítica, mas para ser *excluído* da cogitação, visto que em textos recentes de seminários millerianos convoca-se a psicanálise para um regime chamado "forado-sentido", estipulado não apenas para conceitos maiores como real, gozo, letra, sintoma, o que já não é pouca coisa, como ainda para a própria transmissão da teoria e da clínica.

AS DESVENTURAS DO SENTIDO EM LACAN POR MILLER

Com efeito, dentre os discípulos mais eminentes do carismático psicanalista francês, J.-A. Miller (2001; 2002; 2003) vem ultimamente garantindo a evolução do ensino de Lacan da seguinte maneira: a "letra" do último ensino lacaniano, se lida à letra, e apostada juntamente com o gozo e o sintoma, apontaria não apenas para um *sem sentido*, tal como se pensava anteriormente no primeiro ensino lacaniano da primazia do significante. A coisa vai mais longe. O último plano de navegação do mestre teria apumado a bússola para um radical *fora-sentido* ou *fora-do-sentido*. A partir de textos dos anos setenta do século que viveu, o último Lacan ter-se-ia dado a uma *zombaria* generalizada do primeiro, da vertente do sentido, mesmo se ele próprio tivesse reintroduzido o sentido na psicanálise. Numa espécie de diálogo que costura de *Lacan contra Lacan*, entre o último e o primeiro, Miller quer fazer-nos entender que o último Lacan teria *zombado* progressivamente do sentido, expressão farta na boca do discípulo. Mais que isso, depois de ter promovido o sentido, Lacan teria passado para o *sarcasmo* do sentido até a sua *rejeição*. Ressalte-se: não uma simples rejeição, mas rejeição com ares "fóbicos": da *semantofilia* à *semantofobia* diz na letra o discípulo (2001, p. 19-20). Zombaria primeiro, sarcasmo em seguida, rejeição posteriormente, para culminar em fobia, eis o retrato que fica do último ensino de Lacan pelo seu discípulo mais próximo.

Miller insiste que a linha de força do ensino do último Lacan seria o de uma "transmissão integral fora-do-sentido", uma elaboração da psicanálise fora-do-sentido,

um viés que rejeita o sentido (2001, p. 20-4). A rejeição do sentido, mais do que algum ajuste local, lhe é pleiteado o status de uma verdadeira "transmutação" na psicanálise lacaniana; o pleito é realmente pesado de conseqüências, pois a transmutação vem acompanhada de decorrências inteiramente antípodas ao que foi antes: não apenas a "desvalorização da palavra", mas, e melhor, "um tiro na palavra", melhor ainda, "um tiro na linguagem". E o tiro final: "ele [o último Lacan] desclassificou, é claro, seu conceito de linguagem, e também o conceito de estrutura..." (p. 25-6).

Difícil não deduzir disso que o derradeiro Lacan teria abatido inteiramente o primeiro que jaz agora na sua tumba estruturalista da linguagem. O antigo Lacan da *lettre volée* deve, pois, ser ora proclamado *letra morta*. A *fobia* do sentido, requisitada pela leitura milleriana, como a sarar e superar, esconjurar mesmo a *filia* semântica que tivera cometido seu mestre à época que namorara a dama lingüística, na sua sedução estruturalista, eis o retrato proposto do último ensino de Lacan. Para meu entendimento, estamos diante de nada menos que uma verdadeira *foraclusão induzida* do sentido. É de se ficar perplexo diante da certeza e pressa, e do modo incisivo pelos quais se procura propalar dessa maneira o último ensino de Lacan, com tantas e tantas decorrências — a meu ver pouco pensadas ainda — que isso acarreta seja para uma outra composição teórica, seja para alguma outra tática de escuta clínica. A questão do sentido é questão dura, epistemologicamente séria, mais do que, ao que tudo indica, faz parecer a leveza com que se pretende poder excluí-lo, como se, declarando-o fora da cogitação,

tudo estivesse resolvido. Mesmo porque, quando a dificuldade aparece, a coisa se resolve com uma pirueta: "O real é o nome positivo do fora-do-sentido, *se bem que dar nomes coloca aqui efetivamente um problema*", diz Miller e pula fora do problema de pronto (2001, p. 26; grifos meus).

Ora, não se trata aqui de um mero problema. Trata-se de *todo* o problema. Não é possível conceitualizar nada em psicanálise — talvez em nenhuma disciplina, como acredito, e seguramente naquelas das áreas humanas — sem definir, isto é, nomear. Um conceito, ao menos no que se refere a disciplinas não "duramente" científicas, é o nome de uma *região semântica* definida na inter-relação com os outros. E nomear é estabelecer diferenças semânticas entre os conceitos (real, gozo, letra...). É colocá-los de volta no regime das oposições de linguagem, visto que não há metalinguagem absolutamente exterior à linguagem, é, pois, entrar de cheio no regime do ... sentido. Sem um pacto de sentido não há como criar ou utilizar um conceito, muito menos acionar qualquer *transmissão* disso. Não se safa assim do sentido a baixo preço, por uma simples indução fóbica ou foracluística imputada ao ensino de Lacan. De modo que o primeiro problema (não resolvido) de Miller não é a nomeação do real. O problema inteiro e imenso está na própria postulação do "fora-do-sentido", para conceitos ou para a transmissão. Mesmo porque, a própria idéia de algo fora-do-sentido só é possível porque há uma linguagem que nos permite *intuir* o fora por oposição a dentro, acima, abaixo etc., todos plenamente carregados de ... sentido. Quanto a isso, então, o primeiro Lacan leva uma vantagem epistemológi-

ca ímpar sobre o último Lacan de Miller:

O poder de nomear os objetos [diz Lacan num de seus primeiros seminários] estrutura a própria percepção. O *percipi* do homem só pode manter-se dentro de uma zona de nomeação (...). A nomeação constitui um pacto, pelo qual dois sujeitos ao mesmo tempo concordam em reconhecer o mesmo objeto. Se o sujeito humano não denominar (...) se os sujeitos não entenderem sobre esse reconhecimento, não haverá mundo algum, nem mesmo perceptivo, que se possa manter por mais de um instante. (Lacan, 1984, p. 215)

Um segundo problema a enfrentar é que, assim posta a psicanálise fora-do-sentido, ela estará inelutavelmente *fora-da-linguagem*, visto que estar na linguagem humana implica sempre a malha diferencial e opositiva entre sentidos, sejam quais forem seus limiares, partições e participações. Não se estará correndo aqui o risco de postular a "metalinguagem" absoluta, contra algum Lacan, à escolha? Como isso ainda não foi cogitado, temos de aguardar a solução. Um terceiro problema também ronda. E o mesmo Miller se depara com ele: "Isso está evidentemente em tensão com uma análise, porque, na psicanálise, se conta histórias, a gente se conta em histórias, faz-se histórias" (2002, p. 16). Espera-se que isso não seja mera questão de detalhe, de modo que há que se resolver então a tensão de Miller — na verdade, a enorme aporia — de como ouvir tais histórias "fora-do-sentido". Por fim, haja suor para coordenar todas essas dificuldades com mais uma:

O último ensino de Lacan tende, pelo contrário, a aproximar a psicanálise da poesia, ou seja, de um *jogo sobre os sentidos* sempre duplos do significante. *Sentido próprio e sen-*

tido figurado, sentido léxico e sentido contextual, isso é o que a poesia explora para, como diz Lacan, *fazer violência ao uso comum da língua*. (2003, p. 24; grifos meus)

É mesmo árdua a tarefa do pesquisador interessado tentar concatenar no mesmo suposto último Lacan de Miller a incongruência entre uma apologia do fora-do-sentido e, mesmo tempo, o elogio da poesia, jogo e criação por excelência de sentidos e efeitos de sentido. Sentido próprio, figurado, léxico e contextual, da última citação, nada mais é que a massa inteira, pesada, de todo o universo do sentido. E sobretudo a avaliação, a meu ver correta, de "fazer violência ao uso comum da língua", operação peculiar aos verdadeiros poetas, implica driblar o sentido banal, usual, batido, das soluções corriqueiras de uma língua para explorar os confins da criatividade *de sentido* que sua língua permite (e seu gênio clama).

Como se vê, Lacan acaba saindo do episódio dessa leitura milleriana vestido com a mortalha ambulante de um completo paradoxo. Por isso mesmo é difícil para mim convencer-me dessa inflexão forcluística do sentido, imputada e promovida pelo discípulo encarregado de dar prosseguimento ao ensino do mestre.

Sabemos que os últimos anos de ensino de Lacan, os sete ou oito anos derradeiros de sua vida, tiveram divulgação e publicação precária, algo aqui, algo ali, numerosos seminários não estabelecidos correm pirateados de mão em mão, cujas versões diferem, pugnam entre si e frente aos textos estabelecidos por Miller. Já desde o estilo truncado, labiríntico, alusivo, maneirista, suspensivo, matizes acentuados no ocaso da vida — que cabem mal no mote dele próprio: "... aquilo

que se enuncia bem, concebe-se claramente..." (Lacan, 1974, p. 71) — tudo dificulta a pesquisa pacienzosa dos últimos anos lacanianos. Inclua-se aí uma espécie de regime de *transferência fiduciária* que vigora fortemente em escolas psicanalíticas, pela qual se aposta na certeza do saber do outro e na confiança dos saberes transitados do tipo: "Freud sabe e disse tudo sobre o inconsciente; Lacan sabe e disse tudo sobre Freud; Miller sabe e diz tudo sobre tudo o que disse Lacan..." e o painel da dificuldade se mostra por inteiro.

O tabuleiro pós-lacanianos assim disposto é cruamente breve, é preciso admitir, mas suficiente a mostrar que, caso tudo tivesse sido de outra maneira, talvez teria havido melhor diálogo, sobre a espinhosa questão do sentido, com as teorias do discurso e da significação, com as filosofias e epistemologias da linguagem, com as teorias semióticas e hermenêuticas, com todo o criticismo que nisso fosse exigido. Mormente porque, no caso dessa teoria em particular, *semiótica* nada mais quer dizer senão a atitude de um duplo imperativo metodológico: o primeiro, positivo, a atitude investigativa que se impõe de *dizer tudo* sobre o sentido. Não a miragem da totalidade, mas a tarefa da exaustividade: ir às primeiras instâncias do *ser do sentido*, isto é, as estruturas elementares que o criam, e às últimas instâncias do *parecer do sentido*, isto é, o modo como emerge nos discursos como significação manifestada, sonhos inclusive. "Onde o sentido está, lá deverei eu chegar", é como talvez a atitude semiótica poderia parafrasear para si o famoso dito freudiano, convertido em aforismo por Lacan. Quanto a isso, o próprio Lacan, o

primeiro, tem a formulação mais justa:

Pois a descoberta de Freud é aquela do campo das incidências, na natureza do homem, das suas relações com a ordem simbólica, e o remontar [*la remontée*] de seu sentido até as instâncias as mais radicais da simbolização no ser. Desconhecer isso é condenar a descoberta ao esquecimento, a experiência à ruína. (1966, p. 275)

O segundo imperativo, negativo, é o controle metodológico do primeiro: semiótica é a atitude investigativa de *não dizer tudo* — isto é, coisa qualquer, arbitrariamente — sobre o sentido. Há que buscar o sentido na *imanência* do texto, do dito, estendido ao contexto e aos interditos, e não a partir de asas livres do imaginário do investigador, sem controle, proliferado ou inflado por suas idiosincrasias hermenêuticas; há que extrair *tudo*, de sentido, do texto e contexto, mas não pôr *coisa qualquer* de sentido no texto, intertexto, dito ou interdito.

Com esses entendimentos, penso ainda válido, conquanto tarefa longa e demorada a ser feita, re-convocar a psicanálise pós-freudiana e pós-laciana para a pesada tarefa da questão do sentido, examiná-la até as "instâncias radicais da simbolização no ser", como acabamos de citar Lacan. E fazê-lo *de dentro*, não *de fora*, independente de estruturalismos, modernismos ou pós-modernismos. Há vários parceiros atuais para a empreitada. Explorar enfim um pouco mais a aventura freudiana do sentido, no tabuleiro vienense, no tabuleiro do primeiro Lacan, de toda a forma, no tabuleiro da linguagem, eis uma tarefa que permaneceu incomodamente deficitária.

Mesmo porque, a questão do sentido não se põe para fora, ela já vem posta de dentro

pela própria natureza e estrutura de qualquer linguagem humana, esta uma das hipóteses básicas de trabalho e o objetivo central da pesquisa será demonstrar isso por meio de uma interlocução direta da psicanálise laciana — precisamente quanto à inflexão da estrutura linguageira do inconsciente — com a semiótica. Uma investigação e interlocução indireta com outras teorias da linguagem (filosofia da linguagem, filosofia da intencionalidade, hermenêutica, semiótica peirceana) pode servir aqui de horizonte teórico mais largo da reflexão. Evidente por inerência no universo freudiano de investigação, há possibilidade de uma *psicanálise do sentido*, mesmo dentro do universo laciano. É a hipótese central de trabalho que se tratará de perseguir e demonstrar como objetivo de longo termo da pesquisa ora noticiada.

Decorrentes dessa hipótese central, as hipóteses auxiliares somente poderão ser constatáveis em terreno, no andamento da pesquisa: a) a proposição e defesa de uma psicanálise do sentido não prejudica em nada as finas formulações de Lacan sobre a singularidade das articulações linguageiras do inconsciente (metonímia, metáfora, formações do inconsciente...), hipótese a demonstrar nas análises e exemplos materiais de discurso da clínica; b) ao contrário, tende a tornar a tese do significante laciano mais coerente, compatível e dialogável com a evolução dos estudos discursivos atuais, evitando fazer da psicanálise um campo fechado em si mesmo e sempre na defensiva apofática: sua linguagem não é a dos lingüistas; seu signo não é de Saussure, nem de Peirce; seu significante não é o da lingüística..., ou seja, sob o constante recurso do

argumento do outro saber, do *sui generis* argumento que, segundo as severas observações de Grünbaum (1993), por exemplo, serviria para quaisquer fanatismos religiosos, mesmerismos ou cartomancias; c) coloca-a frente a frente com a delicada questão do sentido em lugar da saída para fora do sentido a qual, em meu entendimento, corre o risco de fazer com que ele sempre retorne sorrateiramente embutido nas análises, nos exemplos, nos dados materiais da clínica, embora negado veementemente na formulação teórica, risco, como se vê, de transformar a preterição lacaniana do significado numa sub-repção ou forclusão induzida do sentido e perpetuar o jogo infantil de "esconde-esconde" denunciado por Jakobson (cf. epígrafe); d) convoca a psicanálise a abrir o registro de seu ensino esotérico (reservado a poucos) para o diálogo mais abrangente, na ágora das teorias da linguagem e ciências próximas; e) enfim, permite que o diálogo exotérico (destinado a muitos) com essas outras disciplinas (no caso particular, a semiótica) possa também sensibilizá-las quanto à região do inconsciente, legitimar a ação de seu dinamismo na composição estrutural e global das linguagens humanas, coisa que até hoje, no meu entendimento, ainda não ocorreu de maneira efetivamente heurística.

REFERÊNCIAS

BEVIDAS, W. O excesso de transferência na pesquisa em psicanálise. *Psicologia: reflexão e crítica*. Porto Alegre: UFRGS, ano 12, n. 3, p. 661-79, 1999a.

_____. Pesquisa e transferência em psicanálise: lugar sem excessos. *Psicologia: reflexão e crítica*. Porto Alegre: UFRGS, ano 12, n. 3, p. 789-

96, 1999b.

_____. *Inconsciente et verbum. Psicanálise, semiótica, ciência, estrutura*. São Paulo: Humanitas/FFLCH-USP, 2000.

BEVIDAS, W. & LOPES, M. Psicanálise e lingüística: uma relação "mal começada". *Pulsional Revista de Psicanálise*. São Paulo: Escuta, ano XVII, n. 177, p. 28-42, mar./2004.

FREUD, S. (1900). La interpretación de los sueños. In: *Obras Completas*. 3. ed. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973. t. I, p. 343-720.

GREEN, A. Le langage dans la psychanalyse. *Langages. II^{es} rencontres psychanalytiques d'Aix-en-Provence (1983)*, Paris, Société d'édition "Les Belles Lettres", 1984.

GREIMAS, A. J. *Sémantique structurale*. Paris: Seuil, 1966.

GRÜNBAUM, A. *La psychanalyse à l'épreuve*. Paris: Ed. de l'Éclat, 1993.

_____. *Fondements de la psychanalyse*. Paris: PUF, 1996.

HJELMSLEV, L. (1943). *Prolégomènes à une théorie du langage*. Paris: Minuit, 1971.

LACAN, J. *Problemas cruciales para el Psicoanálisis. Seminario XII*. Ed. Mimeografada, 1964-5.

_____. *Ecrits*. Paris: Seuil, 1966.

MILLER, J.-A. Psicanálise pura, psicanálise aplicada & psicoterapia. *Phoenix*. Curitiba: EBP-Del. n.3, p. 9-43, 2001.

_____. O real é sem lei. *Opção Lacaniana*. São Paulo: EBP, n. 34, p. 7-16, 2002.

_____. O último ensino de Lacan. *Opção Lacaniana*. São Paulo: EBP, n. 35, p. 5-24, 2003.

Artigo recebido em setembro de 2005

Aprovado para publicação em outubro de 2005